

Artefatos cerâmicos de tradição portuguesa na Baía de Todos os Santos: continuidade e ressignificação

CARLOS ETCHEVARNE

Universidade Federal da Bahia

ORCID: 0000-0003-2817-5788

Resumo: A cerâmica de tecnologia portuguesa se inicia, na Bahia, com a própria colonização do território. Além dos produtos portugueses e de outros países da área mediterrânica, especialmente as faianças, começam já no século XVI os centros oleiros em torno da Baía de Todos os Santos. Essa produção, nitidamente diferenciada daquela de tradição africana e indígena, subsiste até os dias de hoje, pela demanda de um mercado religioso que ressignificou sua utilização como instrumento litúrgico nas manifestações de religiões de matriz africana.

Palavras-chave: Cerâmica baiana; cerâmica colonial; cerâmica ritualística

Abstract: Portuguese technology ceramics began, in Bahia, with the colonization of the territory itself. In addition to Portuguese products and products from other countries in the Mediterranean area, especially faience, pottery centers around Baía de Todos os Santos began in the 16th century. This production, clearly different from that of African and indigenous traditions, continues to this day, due to the demand of a religious market that has given new meaning to its use as a liturgical instrument in the manifestations of religions of African origin.

Keywords: Bahian ceramics; colonial ceramics; ritual pottery

A presença de objetos de tecnologia ceramista de origem portuguesa, em território baiano, é atestada nas escavações em âmbito urbano realizadas em centros históricos da Bahia, notadamente artefatos feitos com torno e queimado em formo. O sítio da Antiga Igreja da Sé de Salvador e aqueles encontrados nos centros históricos dos municípios de Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro (no sul do estado da Bahia), proporcionaram conjuntos amostrais de objetos vinculados, fundamentalmente, à produção portuguesa, de Lisboa, Coimbra/Aveiro e Porto, como os exemplares de cerâmica vermelha, cerâmica vidrada e faianças, dos séculos XVI e XVII (Fig. 1). Ademais diversos fragmentos provam a circulação de produtos cerâmicos dentro do mundo mediterrânico, especificamente entre Portugal e Gênova, como são as cerâmicas da Ligúria, decoradas no estilo azurro berretino.

Os objetos cerâmicos importados ou os produzidos com técnicas portuguesas na colônia brasileira diferenciam-se radicalmente daqueles produzidos com procedimentos técnicos de tradição indígena, que empregam a modelagem

ou o roletado para a confecção dos vasilhames e a fogueira a céu aberto para a queima. Essa inicial divisão classificatória, entre a cerâmica de tradição portuguesa e a de tradição indígena, implica o reconhecimento da existência de uma produção de artefatos diferenciados em morfologia, função, circunstâncias e espaços de utilização, mas não por isso em exclusão nos ambientes residenciais. Antes, parece ter havido uma coexistência bem integrada de ambas produções, posto que cada uma tinha seu lugar e seu status e por isso com funções que poderíamos chamar de complementares.

Deve ser destacado que a introdução das técnicas de produção ceramista portuguesa para abastecer os núcleos de povoamento portugueses, levou implícito à implantação de novas formas de relações de trabalho, com a exclusão da mulher na linha de produção de objetos, a preparação de especialistas para cada etapa de fabricação, e a organização de espaços específicos destinados exclusivamente para a preparação e queima dos objetos, afastados do setor de moradias, ou seja, as olarias (Figs. 1, 2 e 3).



Figura 1. Pratos de faiança portuguesa e bacia vidrada, encontrados o sítio Antiga Igreja da Sé de Salvador.



Figura 2. Interior de uma olaria, com peças (talhas) sendo arejadas e esperando o acabamento.

De fato, essa nova concepção do trabalho colonial que caracteriza a implantação de polos de olarias se opõe radicalmente ao *modus operandi* das comunidades indígenas, em que toda a cadeia operatória das cerâmicas fica nas mãos da mulher, no âmbito das suas próprias moradias.

Cabe pensar que, no início da colonização, os artefatos de tecnologia de tradição portuguesa foram produzidos dentro das muralhas da cidade de Salvador ou em áreas imediatas, como acontecia, no mesmo período, em algumas cidades portuguesas, como Coimbra, por exemplo. Porém, se consideramos alguns documentos escritos, o polo de produção parece ter sido deslocado, desde muito cedo, para região da Vila de Jaguaripe, na margem sul que fecha a Baía de Todos os

Santos. Essa área se apresentava com condições ideais para a instalação de olarias, levando em conta que havia grandes manguezais, fornecedores de lenha, e abundantes cursos d'água, com barro apropriado para fabricação de recipientes.

Documentos do século XVIII já evocam uma tradição de olarias nessa região jaguaripense, aludindo ao uso desse território, como especializado na produção ceramista, de pelo menos um século de duração (isto é, segunda metade do século XVII). Documentos escritos, compulsados no Arquivo Histórico da Bahia, e o material arqueológico, resultado de pesquisas de prospecção, demonstram que essa região aumentou seus núcleos de produção, consolidando-se como abastecedora de vasilhames cerâmicos que circulavam em



Figura 3. Maragogipinho. Mesa, banco e torno de pedal, no interior de uma olaria contemporânea.

Salvador e outras cidades importantes, chegando a ter, no século XIX, um mercado que extrapolava Bahia e chegava a Pernambuco e Maranhão, ao norte, e Rio de Janeiro, ao sul.

A região da Vila de Jaguaripe, que compreende também outras pequenas localidades ribeirinhas, entre elas Maragogipinho, na qual nos deteremos mais à frente, forma um entre-meadado de pequenas unidades produtoras, que reunidas conseguiram fabricar e distribuir sua mercadoria cerâmica, inicialmente, na capital da colônia e, aos poucos, em outras cidades do litoral brasileiro.

Apesar desse comércio intenso, do qual temos informações de jornais do século XIX, os produtores queixavam-se das condições de penúrias pelas que passavam e lamentavam estar a mercê dos atravessadores. Cartas ao governo da capital da Bahia, assinadas por vários oleiros, revelam o drama desses pequenos produtores, que dependiam dos transportadores e comerciantes e, por eles, eram explorados.

Algumas características urbanas e arquitetônicas desses povoados, incluída a atual cidade de Jaguaripe, são claras expressões de pouco desenvolvimento econômico, desprovidas de qualquer monumentalidade que, normalmente, vem acoplado a um passado rico. Em nenhuma dessas cidades, existe uma igreja, um edifício de câmara e cadeia ou um palacete importante. Em resumo, um vasto e intenso comércio dentro e fora do território da Bahia, não assegurou os produtores de vasilhames cerâmicos um status social superior, nem solvência financeira, como era de se esperar. Pode-se dizer que tinha se estabelecido uma rede econômica que não era oficial, que mantinha ocupada boa parte da população baiana, mas que era paralela às grandes produções econômicas do período colonial.

Atualmente, apenas uma das antigas vilas produtoras mantém sua atividade: a vila de Maragogipinho. Nesse povoado existem ainda hoje olarias que repetem gestos, utilizam equipamentos e organizam o trabalho, de maneira semel-



Figura 4. Maragogipinho. Interior de um grande forno de câmara com recipientes já queimados.

hante ao que seria no período da colonização. No interior delas só trabalham homens, preparando o barro, que normalmente se consegue misturando dois tipos de sedimentos argilosos: um que dá resistência e outro que dá elasticidade.

Os oleiros fabricam os recipientes conforme os pedidos que recebem. Seus clientes costumam ser de Salvador, onde existem locais de venda específicos. Mas também há um público demandante no Rio de Janeiro e em São Paulo. Alguns oleiros são os fornecedores permanentes desses centros distantes, que transportam em grandes caminhões os vasilhames. Deve ser destacado que a produção de objetos tradicionais está a cargo hoje de poucas olarias. As outras foram dobrando-se às solicitações do mercado, como casas de decoração ou estúdios de arquitetura e paisagismo. Alguns artistas plásticos projetam uma obra e os oleiros a materializam, de modo que certas olarias se transformaram e prolongações dos ateliês artísticos.

Os objetos resultantes do trabalho dos oleiros tradicionais são rigorosamente padronizados,

em termos de tamanho, formato e capacidade, fazendo com que se tenha hoje, uma determinada produção de recipientes que se assemelha à que era produzida em período colonial. Em alguns casos os nomes deles revelam uma concepção cujo significado hoje se perdeu (Fig 4). Efetivamente, os nomes de “quarta, quartinha e quartião”, por exemplo, de tamanhos diferentes, estão evocando medidas de capacidades atualmente em desuso.

Porém, hoje os objetos produzidos empregam-se fundamentalmente em práticas religiosas de matriz africana, denominadas genericamente de Candomblé. De fato, atendendo a essa demanda do mercado, em Maragogipinho se produzem ainda recipientes de características portuguesas, destinados aos rituais de cultos de matriz africana para iniciação (os chamados “assentamentos”) e, sobre tudo, para as frequentes oferendas propiciatórias. A morfologia dos recipientes está fortemente associada à função ritualística. Assim são utilizadas as quartinhas e quartões, potes, talhas e alguidares.



Figura 5. Festa de Nosso Senhor do Bonfim. Lavando as escadarias da igreja, derramando água consagrada

É digno de destacar que é a força da tradição religiosa afro-brasileira que mantém vigente a produção tradicional pluricentenária de origem portuguesa. Efetivamente, os objetos produzidos em Maragogipinho conformam os equipamentos da liturgia consagrada para determinados rituais, dentro o fora dos “terreiros de Candomblés”, como são chamados os centros religiosos. Os recipientes cerâmicos, sejam pratos, talhas, quartinhas, quartões, etc. passam a ser espiritualizados, tendo que serem “despachados” quando o processo de ritualização termina.

Dentro dos terreiros existem setores específicos consagrados aos orixás (entidades africanas) e às pessoas que são iniciadas. Cada pessoa que ingressa em um terreiro está representada por um recipiente que por sua vez contém seu próprio espírito. Esse recipiente deverá ser cuidado e alimentado pelo resto da vida do iniciado. Por isso há um espaço reservado para colocar os recipientes de cada pessoa que ingressou, onde serão guardados zelosamente e “alimentados” com oferendas e rezas periódicas.

Cabe destacar um aspecto essencial dentro do paralelismo religioso baiano: o uso ocasional de água benta, consagrada pelas mãos e pães de santo, transportada nas talhas e quartinhas. Essa água, a semelhança da água benta com que os padres católicos espargem seus fiéis, com o objetivo de abençoá-los, é vertida nos adeptos, em dias de festas religiosas como na de Nosso Senhor do Bonfim (Fig. 5). Esse dia, em que católicos e crentes de religiões africanas se encontram, é muito festejado na Bahia e muitas pessoas de fora vêm para participar dos feste-

jos. Vemos assim que os objetos cerâmicos de tradição portuguesa, são empregados em rituais públicos e privados pelos praticantes das religiões afro brasileiras, de maneira a se tornarem inerentes à liturgia.

Considerando o acima expresso, pode-se dizer que, em quanto as religiões de matriz africana sobreviverem no mundo contemporâneo, as cerâmicas de tradição tecnológica portuguesa, ao formarem parte da parafernália litúrgica afro-brasileira, terão sua permanência assegurada.

BIBLIOGRAFIA

- Ribeiro Junior, A. (2009): “Interpretando a cultura material de origem africana: análise do ciclo de vida da escultura Gueledé e dos bronzes Ogboni no Brasil”, em *XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Belém: Sociedade de Arqueologia Brasileira, pp. 107-118.
- Ribeiro Junior, A. (2020). *Estudo dos processos de formação de sítios arqueológicos em ambientes aquáticos associados a terreiros de candomblés da Grande Salvador (séculos XIX e XX)*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- Etchevarne, C. (2006): “Aspectos da cerâmica colonial do século XVII, em Salvador, Bahia”, *Clio - Arqueológica* 20, pp. 53-79. UFPE, Recife
- Etchevarne, C: Bahia: aportes para uma Arqueologia das relações transatlânticas no período colonial. Velhos e novos mundos. Volume 1 – Centro de História de Além-Mar. Universidade Nova de Lisboa. pp 23-36 Lisboa

